

## **O PENSAMENTO INTELECTUAL INDÍGENA NO CIBERESPAÇO:** uma mirada decolonial e extensão de suas memórias

*Leandro Faustino Polastrini  
Jennifer Paola Pisso Concha  
Paulo Sérgio Sousa Costa*

### **Resumo**

Compreender o pensamento intelectual indígena no ciberespaço, especificamente no caso do Brasil, permite trazer à tona o pensamento decolonial (de maneira concreta), um conceito de grande valia para entendermos o nosso lugar enquanto produtores de conhecimento, e evidenciar que o termo memória[s] é um elemento chave na construção desse pensamento cosmopolítico, tanto no território físico quanto no território digital. O trabalho também se baseia em dois exemplos específicos, nesse olhar para o ciberespaço, por um lado, o canal disponível na plataforma *YouTube* “TV Daniel Munduruku” e de outro, a *web* rádio “Yandê”. A metodologia é de abordagem qualitativa e baseia-se na pesquisa bibliográfica de caráter descritivo e crítico sobre a literatura indígena brasileira. Além disso, apresenta-se como suporte a netnografia e a Semiótica da Cultura para a análise das narrativas digitais já mencionadas. Desse modo, o artigo fornece uma visão do pensamento intelectual indígena no ciberespaço de maneira crítica e reflexiva.

**Palavras-chave:** pensamento decolonial; indígena; ciberespaço; memória[s].

## **INDIGENOUS THOUGHT IN CYBERSPACE:** a decolonial perspective and extension of their memories

### **Abstract**

The paper discusses indigenous thought in cyberspace, taking as a reference: Brazilian indigenous ethnicities. Understanding this thought allows us to bring out decolonial thinking, a concept of great value for us to understand our place as producers of knowledge, and to show that the term memory is a key element in the construction of this cosmopolitical thought, both in physical and digital territory. the decolonial thinking is used by us in a concrete way. This paper is also based on two specific examples: “TV Daniel Munduruku” available on *YouTube* and the radio web “Yandê”. The methodology is a qualitative approach, and it is supported by descriptive and critical bibliographic research about Brazilian indigenous literature. Also, the netnographic method and the Semiotics of Culture are used to analyze the narratives collected on the two digital platforms. Finally, the research contributes critically and reflectively to the analysis of indigenous thought in cyberspace.

**Keywords:** decolonial thinking; indigenous; cyberspace; memory.

## **EL PENSAMIENTO INTELECTUAL INDÍGENA EN EL CIBERESPACIO:**

una perspectiva decolonial y extensión de su memoria[s]

### **Resumen**

Comprender el pensamiento intelectual indígena en el ciberespacio, tomando como caso concreto: Brasil, permite acoger la perspectiva decolonial (de forma visible) un concepto muy importante para entender nuestro lugar de productores de conocimiento, además de entrecruzar la noción de memoria[s] y la noción de cosmopolítica, ambos términos desde una óptica que atraviesa el territorio físico y el territorio digital. Por lo tanto, el artículo se respalda en dos ejemplos específicos encontrados en el ciberespacio: tenemos el canal disponible en la plataforma *Youtube* “TV Daniel Munduruku” y también la *web* radio “Yandê”. La metodología es cualitativa y recurre a una investigación bibliográfica de carácter descriptiva y crítica sobre

la literatura indígena brasileira. Además de ello, se recurre al método netnográfico y a la Semiótica de la Cultura para analizar las narrativas digitales señaladas. Así pues, el estudio contribuye de manera crítica y reflexiva, en el análisis de un pensamiento intelectual indígena en el ciberespacio.

**Palabras clave:** pensamiento decolonial; indígena; ciberespacio; memoria[s].

## INTRODUÇÃO

Para compreender o pensamento intelectual indígena no ciberespaço, antes de tudo, precisa-se abordar o conceito de cibercultura como subconjunto da cultura, já que entender as narrativas digitais apresentadas neste meio são elementos chaves para analisar outros modos de expressar e viver: o ser, estar e pensar indígena no mundo. Desta forma, o ciberespaço pode ser entendido como um “espaço” onde as informações circulam, um lugar – ou um não-lugar – onde a comunicação ocorre, um ambiente simulado, uma realidade virtual, onde símbolos são criados e comunidades se formam (CÔRREA, 2004, P.5), um ambiente onde coexistem uma “série de comportamentos, esquemas mentais e identificações sociais [...] que produzem novas atitudes e formas de interagir, ou seja, consequências sociais e culturais” (QUÉAU, 2001, p. 244).

Nessa oportunidade, trabalhamos sob perspectiva do pensamento decolonial e de uma memória que se extrapola para o espaço digital como [ciber]memória (PISSO CONCHA, 2020) e que, originalmente, se constitui na oralidade, nas experiências individuais, mas também como suporte de registro no digital, portanto, outros modos de representações sociais. Desse modo, a cibercultura também dá conta de um pensamento intelectual indígena brasileiro que está no ciberespaço, através de práticas que consideramos decoloniais, a título de exemplo, o canal do *YouTube* “TV Daniel Munduruku” e a *web rádio* “Yandê”.

Entendemos o ciberespaço como um ambiente dinâmico e de comunicação, que se expande através das mídias e tecnologias contemporâneas, “possibilitando o estabelecimento de relações, buscas, trocas e interações em tempo ‘quase’ real, composto por pessoas e grupos; ambientes que integram simultaneamente o real e o virtual; e por sistemas de informações, softwares e máquinas” (LEÃO, 2004, p. 53). Isto posto, no âmbito do pensamento decolonial, se abre para novos espaços de legitimação de dizer, mostrar, criticar, alertar, denunciar, convocar, provocar e para trazer as próprias vozes dos indígenas que ao longo dos anos foram marginalizadas (PISSO CONCHA e WENDPAP, 2020).

Neste texto faremos referências ao pensamento decolonial propagado por intelectuais latino-americanos do Grupo Modernidade/Colonialidade, que desde os anos 90 vêm debatendo a matriz colonial do poder e do saber na América Latina, com olhar sensível e escuta ativa para outros pensamentos e saberes inseridos nas nossas cosmopolíticas contemporâneas, carregadas de cosmovisões (lugar ancestral) e as estruturas sociais, políticas, culturais, econômicas, ambientais, educacionais, patrimoniais, memoriais, tecnológicas, etc., quer dizer, tudo o que nos envolve como sociedades.

Como exemplo dos contribuintes dessa forma de pensar, podemos citar Aníbal Quijano (2009) com seus estudos sobre colonialidade e poder, o argentino Enrique Dussel (2005) com os estudos sobre as trans-modernidades, Walter Dignolo (2005) que se aprofunda nas discussões sobre decolonial, entre outros que permitem ilustrar a necessidade de denunciar “a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial” (GROSGOUEL, 2008, p.126 *apud*. BALLESTRIN, 2013, p. 100).

Pelo exposto, a metodologia é de abordagem qualitativa e baseia-se na pesquisa bibliográfica de caráter descritivo e crítico sobre o pensamento intelectual indígena brasileiro.

Além disso, tem-se como suporte a netnografia<sup>1</sup> que permitiu fazer etnografia na *web* e encontrar o material digital pertinente sobre “TV Daniel Munduruku” e a *web* rádio “Yandê”. Por fim, a Semiótica da Cultura (MACHADO, 2003) que também contribuiu na análise das narrativas digitais mencionadas. No geral, o trabalho busca apresentar a contextualização do pensamento intelectual indígena brasileiro no ciberespaço a partir de duas práticas: “TV Daniel Munduruku” e para a *web* rádio “Yandê”, as quais são também analisadas pela perspectiva decolonial.

## OUTROS SABERES

É importante destacar que este trabalho é também fruto de estudos realizados anteriores sobre a literatura indígena brasileira, por esse motivo, faremos sempre referência a essa área em nossas análises. Dito isto, comecemos nossa reflexão sobre os conceitos: colonialidade e modernidade pela égide do pensamento decolonial. De acordo com Grosfoguel (2006) “La colonialidad no es equivalente al colonialismo. No se deriva de la modernidad ni antecede a ella. La colonialidad y la modernidad constituyen dos lados de una misma moneda” (GROSGOUEL, 2006, p. 27). O autor nos diz que não são termos equivalentes, logo, eles possuem significados e contextos distintos. E que a modernidade e a colonialidade estão sempre juntas. Para este trabalho consideraremos o colonialismo como período histórico em que barbáries aconteceram com povos indígenas e africanos no processo de colonização europeia na América Latina, e também o termo colonialidade como padrão ou a matriz de poder colonial que vigora até os dias de hoje no sistema capitalista globalizado.

Por esse motivo consideramos importante conhecer, atualmente, como grupos/comunidades que historicamente sofreram com as ações coloniais e sofrem com a colonialidade do poder têm lidado e/ou se libertado dessas heranças. Compreendemos a memória não apenas como algo ou um acontecimento que já foi, mas como também matriz da História, vemos que a História abre oportunidade para que as memórias possam apaziguar um saber compartilhado. A reivindicação de um saber histórico que seja uma forma de compreensão do Outro (RICOEUR, 2007).

O termo decolonial aplicado ao pensamento indígena brasileiro por meio de seus escritores e da literatura indígena nos permite verificar que a produção não se limita aos individualismos, ele está incorporado aos movimentos sociais indígenas, ampliando-se para outros grupos sociais, como afrodescendentes. Desse modo, há indícios de que o movimento dos escritores indígenas brasileiros possa representar umas das formas do que Mignolo (2008a) chama de “fratura decolonial da modernidade/colonialidade”. É importante destacar que entendemos as múltiplas possibilidades de ser, estar e pensar indígena, porém o que apresentamos aqui é sempre proposto em/e na relação com o Outro, nas diferenças identitárias e socioculturais entre o ocidental (não indígena brasileiro) e o indígena, e vice-versa.

De acordo Daniel Munduruku (2000, p. 87) “o índio e a terra são marcas registradas do Brasil. Sem os índios, o Brasil fica mais pobre, a humanidade fica mais pobre, o planeta fica mais pobre”, pois eles são os referenciais dos valores de ancestralidades, de espiritualidades, por isso “é preciso acabar com o distanciamento que existe entre o povo brasileiro e os povos indígenas. O índio é brasileiro, o brasileiro é também índio” (MUNDURUKU, 2000, p. 87). Portanto, Munduruku (2000) propõe uma relação de codependência, quiçá de salvacionismo inversa, ou seja, os indígenas não são os únicos dependentes de outrem para que as (co)existências se mantenham. Nessa premissa, o ser, estar e pensar indígena é parte importante do todo (o rio, a

---

<sup>1</sup> Neologismo cunhado na metade dos anos 90 e popularizado por Robert Kozinets. O termo adota técnicas da etnografia que podem ser utilizadas para o estudo das culturas e das comunidades agregadas via *internet*. (FRAGOSO *et al.*, 2011, p.170).

terra, a mata, os animais, os espíritos da ancestralidade, etc.), caso essa parte deixe de existir, o todo sofrerá perdas e sequelas. Isto é, enxergar as suas cosmopolíticas e existências como parte deste todo, como possibilidades outras que contribuem para o equilíbrio da vida. Mais adiante veremos como a dupla identidade: o indígena é brasileiro e o brasileiro é indígena se apresenta.

O pensamento intelectual indígena brasileiro também apresenta o discurso entre os povos indígenas e a terra/natureza, principalmente, quando se trata de temas relacionados aos campos dos interesses e das motivações. Esse discurso é associado a existência, a sobrevivência, a pertença, garantias e conquistas de direitos. É também neste ponto que conseguimos convergir o pensamento descrito acima com o decolonial, pois este se afasta do pensamento romântico nacionalista que alimentou no imaginário brasileiro estereótipos equivocados, negativos, generalistas sobre os povos indígenas brasileiros.

Ao mesmo tempo que buscamos essa convergência entre esses dois pensamentos, percebemos o quão importante é ter em mente a herança dos povos indígenas e também a dívida histórica que mantemos com eles. Herança cultural que o colonialismo e a modernidade não conseguiram destruir totalmente com o passar dos anos e a dívida histórica adquirida pelas barbáries as quais os povos indígenas foram sujeitados em nome da civilização/modernidade e da fé cristã.

Para Walsh (2009) há a necessidade de voltar o nosso olhar para a Mãe Terra e a valorização da ancestralidade. Segundo Potiguara (2004, p. 58) “quando o homem selvagem e a mulher selvagem gritam dentro de nós querendo voltar para a casa primitiva é chegada a hora da mudança”. A escritora destaca que os significados dos termos selvagem e primitivo não têm nada a ver com aqueles apresentados pela historiografia, mas sim com o interior humano, âmago, essência espiritual, ser sutil, a casa da alma: a ancestralidade.

O povo indígena sobrevive há séculos de opressão porque tem como *maior referencial* a tocha da ancestralidade do poder intuitivo, da leitura e da percepção dos sonhos, do exercício da dança como expressão máxima da espiritualidade e da valorização da cultura, das tradições da cosmovisão personificadas na figura dos mais velhos e das mais velhas, os *idosos planetários* (POTIGUARA, 2004, p. 88, grifo da autora).

Desta forma, fazendo um paralelo com o pensamento de Potiguara (2004), pode-se evidenciar que a produção literária de autoria indígena que utiliza a língua escrita do não indígena – a língua portuguesa – como um meio de afirmação e de representação de suas identidades retrata-os de acordo com as suas existências e necessidades do presente, também traz a voz ancestral, aquela dos seus antepassados, a força da oralidade na contação das narrativas míticas, das lendas, das crenças, danças, cantos etc. Depois de séculos de silenciamentos dessas vozes, algumas narrativas indígenas apresentam-se como autohistórias, autobiográficas, embrenhadas de valores memorialistas, de um engajamento fortemente marcado. Já outras publicações se inspiram no riquíssimo arcabouço das narrativas orais, (re)criando ficções.

Desse modo, o pensamento decolonial a partir de um pensamento intelectual indígena brasileiro permite dar conta da necessidade de um diálogo intercultural que se faz necessário entre povos indígenas e não indígenas. Atualmente, os processos de lutas e resistências indígenas ganham visibilidades em outros campos sociais. A produção escrita indígena situa-se num entre-lugar de produção e recepção literária, pois ela pode ser local e também nacional, migrando de uma comunidade produtora para várias comunidades receptoras, inclusive de não-índios; é também marginal e canônica, pois esteticamente não recebe a mesma consideração que a estética de obras ocidentais, mas nasce em espaços que permitem a revisão do cânone (THIEL, 2006, p. 235).

É importante frisar que o pensamento intelectual indígena brasileiro fornece outros saberes, para além de uma visão folclorizada, saberes que não estão mais somente na oralidade, no território, na literatura, eles extrapolam as novas formas de comunicação que representam as formas de ser, estar e pensar dos indígenas brasileiros, nesse anseio, outras comunidades ao redor do mundo também reivindicam suas lutas históricas, memórias e a valorização das suas ancestralidades. Nessas novas formas de se comunicar e falar, percebemos as vozes dos indígenas ecoar nas sociedades contemporâneas, buscando mais espaços, direitos e respeito, ao mesmo tempo, temos acesso aos diversos conteúdos produzidos pelos povos indígenas, mas cabe ainda nessa decolonização do pensamento trilhar novos caminhos/práticas para essa produção no ciberespaço que é o que propomos neste trabalho.

## **PRÁTICAS DECOLONIAIS INDÍGENAS BRASILEIRAS NO CIBERESPAÇO: “TV DANIEL MUNDURUKU” E A *WEB* RÁDIO “YANDÊ”.**

Além da escrita, na contemporaneidade, os indígenas brasileiros também têm se utilizado de outros recursos, em especial, do audiovisual, por conta da utilização da internet e redes sociais. Portanto, os intelectuais indígenas estão acompanhando os fluxos, as mudanças, transformações e ajustes sociais do contemporâneo, utilizando esses *media* para a difusão de seus conhecimentos. Sendo assim, estar presente neste espaço também significa marcar território, significa a presença do corpo indígena onde ele talvez nunca fora imaginado pela modernidade. Desta forma, como mediadores na era da *internet*, eles (re)produzem [ciber]memórias que se extrapolam para além de um lugar cognitivo, físico e se inscreve nos fluxos moventes e infinitos do universo digital.

### **A prática “TV Daniel Munduruku”**

O canal “TV Daniel Munduruku”<sup>2</sup> disponível na plataforma *Youtube* e a *web* rádio “Yandê”<sup>3</sup>, sob exercício netnográfico e à luz da Semiótica da Cultura (MACHADO, 2003), permitem não apenas desvelar o ser, estar e pensar indígena contemporâneo na cibercultura, mas também no mundo. Eles dialogam com os processos de hibridização cultural entre “heranças indígenas e coloniais que se cruzam com a arte contemporânea e as culturas eletrônicas, e se enveredam pelos caminhos do culto, do popular ou do massivo”. (GARCÍA CANCLINI, 2003, p. 20).

Tais práticas decoloniais permitem salientar que elas progressivamente vêm incursionando em novos espaços digitais, configurando um chafariz de significados e sentidos, imersas em um “caldo de emoções” que fazem como ato de presença e se materializam em cada texto *hipermídia* – vídeo, áudio, blogs, redes sociais, eventos noticiosos, etc. –, para dizer algo e matizar essas novas formas de produzir novas práticas e representações de ser e estar no mundo, no ciberespaço (PISSO CONCHA, 2020). Nesse cenário, a exploração das mídias digitais e redes sociais podem também partir do princípio da democratização da publicação e do acesso aos textos, às informações, às produções digitais (re)produzidas pelos indígenas.

O canal de Daniel Munduruku foi criado em 2011, porém as publicações no canal tiveram maior frequência a partir de 2015 e 2016, quando ele também começa a postar vídeos cujas aberturas eram identificadas com logo da UK’A TV (figura 1) que significa atualmente, Instituto

<sup>2</sup> O canal pode ser acessado por meio do link <https://www.youtube.com/user/dmunduruku>. Destacamos que após a análise deste canal para o presente trabalho o responsável do canal alterou o nome para Daniel Munduku.

<sup>3</sup> A web rádio pode ser acessada pelo link <https://radioyande.com/>.



UKA: casa dos saberes ancestrais. Nessa plataforma é possível encontrar além das próprias produções artísticas ou não de Munduruku, outros materiais de diferentes intelectuais indígenas brasileiros. Portanto, o canal (figura 2), parece não ter apenas um fim de entretenimento, mas também funciona como ferramenta pedagógica decolonial.

**Figura 1: Logo criada para a abertura dos vídeos no canal de Daniel Munduruku.**



Fonte: Fonte: *Print Screen* Canal de Daniel Munduruku no *Youtube*, 2021

**Figura 2: “TV Daniel Munduruku” no *YouTube*.**



Fonte: *Print Screen* Canal de Daniel Munduruku no *Youtube*, 2019.

Com relação as suas narrativas digitais, pode-se dizer que os vídeos buscam divulgar eventos literários, artísticos, dar dicas de leituras de livros dos escritores indígenas de forma frequente, o que mostra o seu local de fala e o posicionamento no mundo. Como exemplo, podemos citar seu primeiro vídeo postado em 2011 cujo título é “Para as crianças de Cataguases” (PARA... 2011), o objetivo do vídeo era responder as perguntas enviadas por crianças de alguma escola de Cataguases – Minas Gerais.

Neste vídeo, Munduruku fala sobre sua origem, sobre sua infância, diz sobre quando se tornou leitor e depois escritor. Ele comenta que sua formação como leitor foi tardia, porém quando descobriu a leitura se encantou e tornou-se “guloso pela leitura” (PARA...2011). Sobre ser escritor, disse que quando se formou para magistério e iniciou a docência contava histórias de seu povo para os alunos, desde então começou a escrever os textos e depois livros. No vídeo ele também diz que sua inspiração para escrever as narrativas parte de sua infância quando vivia na aldeia e que também busca pesquisar e visitar os parentes indígenas para poder escrever. Em resumo esse primeiro vídeo é sua apresentação como escritor indígena, é apresentar-se como um sujeito “inédito” ao ocupar este lugar e espaço. Convivemos há séculos com diferentes povos indígenas e ainda nos “choca” ou causa espanto quando esbarramos por aí com escritores, intelectuais, artistas indígenas.

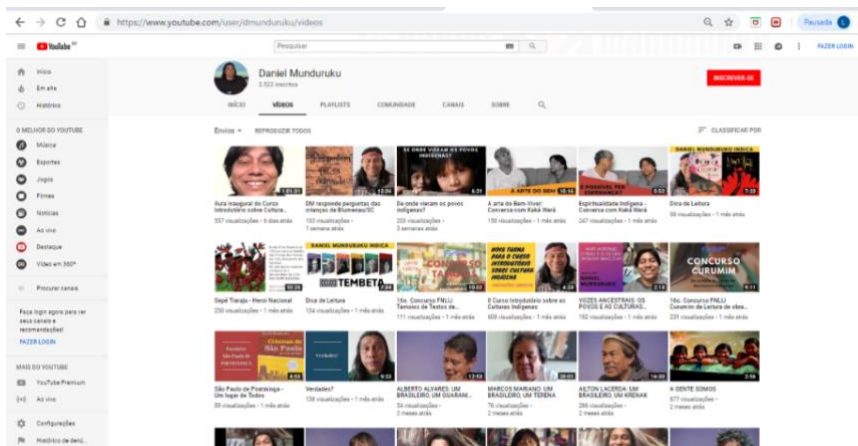
Munduruku, como um mediador, também compartilha em seu canal outras produções audiovisuais que dialogam com o seu local de fala e de outros sujeitos indígenas, é o caso dos vídeos produzidos pelo Instituto Itau Cultural<sup>4</sup> em que vários escritores, escritoras e intelectuais indígenas brasileiros fazem depoimentos e relatos de suas vidas como lideranças de seus povos, a exemplo, Kaká Werá, Cristino Wapichana, Márcia Wayna Kambeba, Marco Terena, Patricia Ferreira, Ailton Krenak, Roni Wasiry e etc.

É importante ressaltar que na visualidade de seu canal Munduruku ressignifica os títulos dados aos vídeos. Na postagem original, os vídeos recebem o nome do projeto organizado pela Instituto Itau Cultural – Culturas indígenas – adicionado do nome do participante daquele vídeo. Já no canal de Munduruku, ele acrescenta ao nome cada autor ou intelectual indígena a identidade de brasileiros, representando neste caso a dupla identidade, a nacional e a étnica, por exemplo: “Ailton Lacerda: um brasileiro, um Krenak” (Figura 3). Compreendemos que o reconhecimento

<sup>4</sup> Canal disponível no link <https://www.youtube.com/user/itaucultural>.

ou a ênfase dessa dupla identidade é uma forma estratégica de aproximar indígenas e brasileiros, de gerar empatia. Retomamos o que Munduruku disse anteriormente sobre acabar com o distanciamento entre o povo brasileiro e os povos indígenas. “O índio é brasileiro, o brasileiro é também índio” (MUNDURUKU, 2000, p. 87)

**Figura 3: Vídeos postados por Daniel Munduruku.**



Fonte: *Print Screen* Canal de Daniel Munduruku no *Youtube*, 2021.

Em correlação, esse ambiente digital propicia aos sujeitos “uma outra experiência da sua realidade” (DIAS, 2012, p. 30), ao mesmo tempo que a aldeia global dá início a desterritorialização e a uma troca comunicacional (RECUERO, 2009) que não precisa da presença de corpo físico, mas de algo para dizer, que se envolve na cibercultura para não desaparecer, mas sim se modifica, se mistura.

Observamos também que o canal “TV Daniel Munduruku”, nesse “algo para dizer”, apresenta falas sobre as mudanças que estão acontecendo na atual política brasileira e chama a atenção sobre os discursos preconceituosos, racistas e xenofóbicos que circulam sobre os povos indígenas pelas redes sociais e que fazem parte do imaginário social do indígena como “preguiçoso e improdutivo”, de que “eles não precisam de ter tantas terras já que não são tão populosos e não as exploram de acordo com os interesses do capital”.

Tais discursos compõem algumas narrativas presentes nas redes sociais vistas como superficiais e fáceis, sem muito conhecimento das causas indígenas e/ou sobre as culturas indígenas. A partir deste contexto, surgem questões que fazem parte tanto do universo sociocultural do não indígena quanto dos próprios indígenas. Os questionamentos são a respeito do que é ser índio ou não ser? Quem é índio de verdade? Existe índio civilizado? Impuro? Misturado?

Nesse cenário, a prática decolonial dos vídeos postados no canal de Munduruku reforça a necessidade de um olhar consciente para o outro e a importância de compreender que a cultura não é fixa e que desde o campo da cibercultura, a essência do ser, estar e pensar indígena também sobrevive entre o passo do tempo e a modernidade (PISSO CONCHA, 2020). Para Munduruku (EXISTE... 2019) não são somente os indígenas isolados considerados como os “verdadeiros”, todos que se autodenominam indígenas assim o são, mas o que vai diferenciar é o grau e o tempo busca representar as diversas identidades indígenas, ou seja, o indígena aldeado, urbano, ressurgidos, indígena intelectual, artista, ativista, mediador cultural, etc.

## A prática web rádio “Yandê”

De acordo com as informações disponíveis na página da *web* rádio, ela foi a emissora que inaugurou esse segmento, iniciando seu *streaming* em 11 de novembro de 2013. Tem sua sede no Rio de Janeiro e foi criada pelo grupo Comunicação “Yandê”, um coletivo de indígenas formados em comunicação, marketing e áreas afins. O termo *Yandê* vem da língua Tupi-guarani que em português significa “nós” e/ou “nosso”. Desse modo, esta rádio também tem caráter colaborativo e coletivo, e torna-se um veículo de comunicação/mediação com objetivo educativo e cultural (figura 4).

Figura 4: Prática decolonial web rádio “Yandê”.



Fonte: Print Screen web rádio “Yandê”, 2021.

Temos como objetivo a difusão da cultura indígena através da ótica tradicional, mas agregando a velocidade e o alcance da tecnologia e da internet. Nossa necessidade de incentivar novos “correspondentes indígenas” no Brasil, faz com que possamos construir uma comunicação colaborativa muito mais forte, isso comparada as mídias tradicionais de Rádio e TV. (YANDÊ, 2013).

Percebe-se que no ato de mediação se remodelam os *media* antigos para responder aos desafios dos novos *media* (GRUSIN e BOLTER, 2000), e o coletivo “Yandê” se torna um produtor cultural indígena que faz uso de seus próprios percursos digitais, na busca de novas linguagens e formas para [re]produzir uma parte da cultura humana como realidade mediada (PISSO CONCHA e WENDPAP, 2020). A rádio em questão não representa somente um veículo de entretenimento, de transmissão musical, mas também um repositório de informações/conhecimentos culturais, sociais, econômicos, políticos dos povos indígenas do Brasil, da América Latina e de outras partes do mundo.

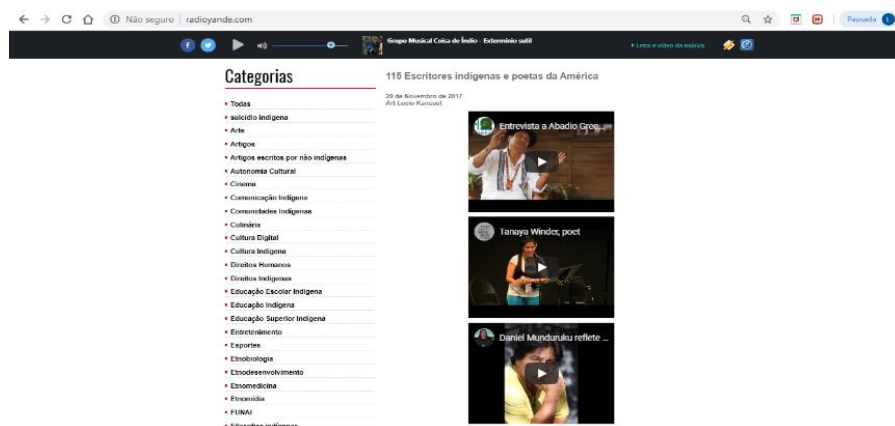
Destarte, percebemos que a coletividade na criação, manutenção e produção da web rádio se aproxima do processo de vivências coletivas tão presentes no cotidiano indígena. A comunicação e a mídia, neste caso, trazem em seu bojo o pensamento de demarcação do espaço e do corpo indígena na era digital, cumprindo com o proposto pelo coletivo, ou seja, que suas mensagens, ideais, memoriais cheguem aos indígenas e não-indígenas, alcançando o desejo de uma valorização das mais diversas etnias existentes.

Trazendo à tona a perspectiva de interculturalidade da Walsh (2007), as práticas consideradas decoloniais, que foram descritas ao longo desse trabalho, associam as geopolíticas de lugar e espaço, ou seja, os discursos que salientam a construção de povo indígena desde projetos digitais, sociais, culturais, orientados pelo pensamento decolonial, que partem desde o território físico até o território digital, ou vice-versa.



Na *web* rádio “Yandê” se disponibiliza uma série de categorias (figuras 4 e 5) ou *hiperlinks* que dão conta da inscrição das [ciber]memórias dos povos indígenas na cibercultura, e nesse entrecruzamento comunicativo são apresentados lançamentos de livros, eventos e escritores indígenas, blogs, artigos ou editoriais, bem como programas que abarcam a diversidade de produtos culturais produzidos por indígenas brasileiros e da América Latina. Há, por exemplo, uma lista com mais de 100 escritores indígenas entre brasileiros e de outras nacionalidades.

**Figura 5: Criação de uma [ciber]memória indígena, e.g. através da *web* rádio “Yandê”**



Fonte: *Print Screen* “Categorias” *web* rádio “Yandê”, 2021.

A figura acima ilustra uma das categorias que trata da literatura indígena, nela pode-se ver vídeos de escritores de várias etnias/povos das Américas, e.g. vídeo do escritor indígena colombiano Abadio Green do povo *Gunadule* e a poeta indígena equatoriana Yana Lucila Lema Otavalo do povo *Kichwa*. No âmbito da interculturalidade “es una invitación a pensar la modernidad/colonialidad de forma crítica, desde posiciones y de acuerdo con las múltiples experiencias de sujetos que sufren de distintas formas la colonialidad del poder, del saber y del ser” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 162).

## [RE]CONSTRUÇÕES

Compreender o pensamento intelectual indígena no ciberespaço, especificamente, no caso do Brasil, construindo-se a partir da literatura ou pensamento indígena enquanto uma das práticas decoloniais em percursos digitais, tais como “TV Daniel Muduruku” e a *web* rádio “Yandê”, são evidências de uma retórica decolonial que denuncia os abusos e violências cometidas sobre os colonizados, os escravizados, os subalternos, os marginalizados ao longo da História e das histórias que apagaram as formas de ser, estar, pensar indígena no mundo.

Porém, estes grupos/práticas buscam ressignificar ou se libertar da colonialidade do poder, através de processos de luta e resistência não exclusivamente a partir do território físico, mas em diálogo com o território digital, acontecendo como espaços híbridos de comunicação, de pensamento, de ação individual e também coletiva, de difusão de uma ancestralidade e uma espiritualidade que é tradicional, mas se apresenta contemporânea, da cosmovisão que formou e continua a compor o que é ser indígena e brasileiro.

Tanto o canal do *Youtube* “TV Daniel Munduruku” quanto a *web* rádio “Yandê” representam as [ciber]memórias dos povos indígenas no esforço em evidenciar para a sociedade

não indígena e as indígenas, as multiplicidades de existências, de pensamentos que ora se cruzam, ora se distanciam, mas encontram um lugar de visibilidade na cibercultura. O ciberespaço, além de se torna lugar de entretenimento, torna-se também de discussão e debates que refletem de maneira crítica – como se esboçou no item “Outros saberes” – a inclusão do pensamento intelectual indígena brasileiro, pois a dança do pensamento decolonial cada dia mais ancora o nosso ser, estar e pensar no mundo.

Salientamos que com o passar dos anos a produção escrita individual e de caráter literário foi se constituindo e legitimando as representações e identidades dos indígenas, de acordo com suas existências no passado-presente e no presente-futuro. Imprimindo neste processo o pensamento indígena, além de contrapor as representações indígenas negativas e/ou pejorativas que foi alimentada pela História e pelas literaturas “oficiais”, e.g., a do descobrimento e a do romantismo que por muitos anos fossilizaram no imaginário brasileiro a visão dos indígenas como primitivos, selvagens, antropófagos e preguiçosos.

Cabe ainda pensar numa epistemologia indígena que forneça a interculturalidade e um diálogo intenso de escuta ativa que, nas palavras do Mignolo (2008b, p. 136) seja “um diálogo do futuro entre cosmologia não ocidental (aymara, afros, árabe-islâmicos, hindí, bambara, etc.) e ocidental (grego, latim, italiano, espanhol, alemão, inglês, português [etc.])”.

## REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, v.1, n. 11, p. 89-117, 2013.

CÔRREA, Cynthia Harumy Watanabe. *Comunidades virtuais gerando identidades na sociedade em rede*. C-Legenda-Revista do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual. n.13, 2004.

DIAS, Cristiane Pereira. *Sujeito, sociedade e tecnologia: a discursividade da rede (de sentidos)*. São Paulo: Hucitec, 2012.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005. Cap. 3. p. 24-32

EXISTE índio fake. Direção de Daniel Munduruku. Lorena: Canal Daniel Munduruku, 2019. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDeXh0T2qXI>. Acesso em: 13 abr. 2021.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel e AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. CINTRÃO, Heloisa Pezza, LESSA, Ana. (Trad.) São Paulo: Editora Universidade São Paulo, 2003.

GROSGOUEL, Ramón. La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: Transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global. Tradução de María Luisa Valencia. *Tabula Rasa*, v.1, n.4, p. 17-48, Bogotá - Colombia, 2006.

GRUSIN, Richard and BOLTER, Jay David. *Remediation*. Understanding new media. Cambridge; Londres: The MIT Press, 2000.

LEÃO, Lucia. *Derivas: cartografias do ciberespaço*. São Paulo: Annablume, 2004.

MACHADO, Irene. *Escola de Semiótica*. A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFÖGEL, Ramón. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

MIGNOLO, Walter. *A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade*. Buenos Aires: Clasco, 2005.

MIGNOLO, Walter. La opción de-colonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto y un caso. *Revista Tabula Rasa*, Bogotá, Colombia, v.1, n.8, p. 243-281, 2008a.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução de Ângela Lopes Norte. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, Niterói, Rio de Janeiro, v.1, n.34, p. 287-324, 2008b.

MUNDURUKU, Daniel. *O Banquete dos Deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira*. São Paulo: Angra, 2000.

ORLANDI, Ana Paula. *Rádio Yandê: cultura indígena para o mundo*. CULTURA INDÍGENA PARA O MUNDO. 2017. Disponível em:  
<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/sup/fut/20914561.html#:~:text=No%20idioma%20tupi%2Dguarani%2C%20a,n%C3%B3s%20%9D%20e%20%9Cnosso%20%9D>. Acesso em: 13 abr. 2021.

PISSE CONCHA, Jennifer Paola. Capital simbólico del indígena Misak contemporáneo en la cibercultura. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas Época III*, Colima, México, v.26, n.51, p. 83-113, Jun/dez, 2020.

PISSE CONCHA, Jennifer Paola; WENDPAP NUNES DE SIQUEIRA, Aline. Práticas decoloniais do indígena Misak no ciberespaço. *Revista Confluências Culturais*, Joinville, Santa Catarina, v.9, n.1, p.209-223, abr., 2020.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global Editora, 2004.

QUÉAU, Philippe. Cibercultura e info-ética. In: MORIN (ORG.), *Religação dos Saberes*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder e classificação social*. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do sul*. Coimbra: Almedina, 2009. Cap. 2. p. 73-118.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RICOEUR, Paul. *Memória, a História, o Esquecimento*. São Paulo: Unicamp, 2007.  
THIÉL, Janice Cristine. *Pele silenciosa, pele sonora: a construção da identidade indígena brasileira e norte-americana na literatura*. Tese de Doutorado. Pós-Graduação em Letras. Curitiba: UFPR, 2006.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGEL, Ramón. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y pedagogía colonial: In-surgir, re-existir y re-vivir. *In*: P. Melgarejo (Comp). *Educación Intercultural en América Latina: Memorias, horizontes históricos y disyuntivas políticas*. México D.F.: Plaza y Valdés, p. 25-42, 2009.

PARA Crianças de Cataguases. Direção de Daniel Munduruku. Lorena: Canal Daniel Munduruku, 2011. Son., color. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=FKy5KkHhAbY>. Acesso em: 20 maio 2019.

YANDÊ, Rádio. Comunicação e Etnomídia Indígena. 2013. Disponível em:  
<https://radioyande.com/>. Acesso em: 13 abr. 2021.

*Submetido em abril de 2021.*

*Aprovado em maio de 2021.*

### **Informações do(a)s autor(a)(es):**

Leandro Faustino Polastrini  
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)/Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)  
E-mail: [leandropolastrini@gmail.com](mailto:leandropolastrini@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6583-5557>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0230050872797088>

Jennifer Paola Pisso Concha  
Doutoranda no Programa de Memória Social e Patrimônio Cultural na Universidade Federal de Pelotas - UFPel, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.  
E-mail: [www.moryta@gmail.com](mailto:www.moryta@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3389-2044>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9473568576080512>

Paulo Sérgio Sousa Costa  
Doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea – UFMT; Instituto Federal de Mato Grosso- IFMT; Grupo de Estudos em Cultura Folclórica Aplicada - IFCE  
E-mail: [paulo.costa@snp.ifmt.edu.br](mailto:paulo.costa@snp.ifmt.edu.br)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5083-3674>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5530115206555856>